

Lino Geraldo Resende

# FOCAULT

e a microfísica do poder





ensaios

Ideias e reflexões sobre temas da atualidade

Nº

5

Lino Geraldo Resende

# FOCAULT

e a microfísica do poder

Lino Geraldo Resende escreveu este ensaio para Seminário do Mestrado em História Política na Universidade Federal do Espírito Santo e ele foi também apresentado no Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em História (Anpuh), realizado em Vitória.

É formado em Letras, Comunicação e Direito. Especialista em Comunicação, pela Faculdade Cândido Mendes, e Mestre em História Política, pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Edição:



Comum Web e Jornalismo

Rua Luzia Grinalda, 55o, Sl. 204, Centro, Vila Velha, ES  
CEP 29100-080 - Tel: (27) 3063-7025

[www.comum.net.br](http://www.comum.net.br)

Copyright © 2013 - Lino Geraldo Resende

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Vila Velha, ES, 2011

## A QUESTÃO DO PODER

A discussão sobre o poder, sua estrutura e modos em que se manifesta e é exercido, não é nova. Se olharmos a própria história política vamos ver que este é um tema recorrente, com estudiosos de todos os quilates sobre ele se debruçando. Platão e Aristóteles, na Grécia, nos seus estudos sobre a República e sobre formas de Governo na verdade estavam, também, discutindo o próprio poder. Os estudos se repetiram, depois, em Roma e, mais recentemente, com Maquiavel, que fez do Príncipe, de certa forma, um manual do exercício do poder.

A questão chegou, por fim, à modernidade, com intelectuais do porte de um Weber, de Rousseau, de Locke, de Hobbes, de Thomas More, de Karl Marx, discutindo a questão, cada qual defendendo um ponto de vista e, como consequência, conceituando-a. A história avançou e, com ela, a discussão sobre o poder, que continua na contemporaneidade, com filósofos e teóricos de todas as tendências se debruçando sobre o assunto e procurando, do seu ponto de vista, mostrar como o poder se manifesta e como é – ou pode ser – exercido.

Se o assunto e a discussão são recorrentes, a novidade é uma nova abordagem do poder, surgida a partir dos chamados Estudos Culturais, uma tradição de pesquisa na área de ciências sociais que, surgindo na Inglaterra, se espalhou e fez com que os pesquisadores invertessem seu olhar, vendo a questão do ponto de vista micro, não macro. Foi com os estudos culturais que se consagrou o

que chamamos hoje de estudos do cotidiano, com uma rica produção no campo das ciências sociais envolvendo várias disciplinas, indo da história à comunicação.

É o ponto de vista micro, do cotidiano, que Michel Foucault adota, embora não esteja vinculado à corrente dos Estudos Sociais. À continuidade, ele prefere a singularidade, analisando-a no seu contexto e, então, sim, fazendo a ligação de um momento particular com o todo, que é construído, na sua metodologia, do entendimento das várias partes. É nessa perspectiva que Foucault discute o poder. Nisso, não está sozinho, já que estudiosos do porte de Pierre Bourdieu e de Norberto Elias também se debruçaram sobre o micro, revelando relações, no caso do primeiro, de dominação dos homens sobre as mulheres e, no do segundo, de antigos sobre novos moradores.

Comentando a questão do poder, do ponto de vista de Michel Foucault, o brasileiro José Augusto Guilhon de Albuquerque, afirma:

“Trata-se de uma concepção totalmente revolucionária do poder que, embora seja coerente com uma parte significativa da tradição do pensamento ocidental (...) rompe não apenas com as características habitualmente atribuídas ao poder, seus efeitos e modos de funcionamento, mas essencialmente com a maneira como concebemos sua natureza” .

Podemos, também, adotar o comentário de Teresa Cristina Barbo Siqueira, que embora feito em relação a outro trabalho de Foucault, insere-se nos conceitos desenvolvidos em *Vigiar e Punir*, que estamos analisando.

Ao referir-se ao poder do discurso, diz a autora.

“E, se temos em conta que o saber surge, por sua vez, produzido pelo poder, podemos então deduzir que o poder político tem a capacidade de produzir o real: o poder é a fonte de onde surge o visível (aquilo que se vê como objeto construído) e dizível (aquilo que se diz do objeto)” .

Inovação é a ótica adotada por Foucault em *Vigiar e Punir – História da violência e das prisões*. Antes de falarmos especificamente sobre o livro e, a partir dele, nos conceitos desenvolvidos pelo filósofo francês, é preciso que tenhamos claros os conceitos de poder com os quais vários estudiosos modernos e contemporâneos trabalharam.

## O PODER ANTES DE FOUCAULT

A bibliografia adotada para a disciplina Fundamentos da História Social das Relações Políticas, no Mestrado em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, nos permite fazer um passeio por vários conceitos de poder, tomando estes exemplos de clássicos ou de teóricos contemporâneos. Neste caso está, por exemplo, o professor Dalmo de Abreu Dallari, que vê o poder como força do Estado, onde ele é institucionalizado, um elemento essencial, portanto, mas que é abstrato e pode ser separado em dominante e não dominante.

Norberto Bobbio comenta a questão em duas obras distintas. Na primeira, *Estado, Governo e Sociedade*, ao fazer um apanhado geral, afirma que há, em relação ao poder, três teorias: substancialista, subjetivista e relacional. No primeiro caso, estão os que acreditam que, se alguém possui o poder, vai usá-lo, como Hobbes, que Bobbio elegeu como paradigma da teoria substancialista. Outro exemplo dessa corrente é Bertrand Russell, para quem o “poder consiste na produção dos efeitos desejados”.

No caso da corrente subjetivista, o poder é visto como a capacidade de se obter certos efeitos e o paradigma adotado por Bobbio é Locke. Já em relação à teoria relacional, ela vê o poder como uma relação entre dois sujeitos, o que a coloca, de certa forma, mais próxima do conceito de Foucault, que também tem o poder como algo relacional, mas que não o restringe, apenas, à relação entre dois sujeitos. O símbolo da teoria relacional, de acordo com Bobbio, é Robert Dahl. Por sinal, é pela



teoria relacional, que chama de mais moderna, que o estudioso italiano mostra sua simpatia.

Em um segundo livro, *Teoria Geral da Política*, Norberto Bobbio volta à discussão do tema poder e usa, na sua conceituação do que ele é, o teórico alemão Max Weber, que vê o Estado não como o reino da razão, mas sim de força e atribui a ele a monopolização desta força, que considera condição indispensável à sua existência. O próprio Weber fala do assunto em *Economia e Sociedade* quando discorre sobre dominação e como ela se exerce. Cita, no caso, o poder absoluto e passeia pelos conceitos de democracia, diferenciando o exercício do poder em um e outro regime. Fica, no entanto, a sua conceituação de poder como força do Estado.

Autor mais contemporâneo, George Balandier estuda a desordem e como ela se manifesta, inclusive na sua antípoda, que é a ordem. E é exatamente na ordem, revela ele, que se acha configurado o poder, que surge para pôr fim à desordem, estancando um movimento e dando sentido às coisas que, devido à pós-modernidade, tornaram-se difusas. Balandier aponta, inclusive, os riscos de se maximizar a ordem, o que pode levar a regimes totalitários, recomendando a permanência na democracia.

A última referência macro que temos, dentro da disciplina, e que serve à nossa discussão é da filósofa germano-estadunidense Hanna Arendt. Ela na verdade trata da violência, mas vê na sua manifestação um exercício de poder. Olhando o contemporâneo, ela se refere ao poder nuclear existente e afirma que configura o poder total, já que se tornou capaz de aniquilar não só a humanidade,

mas tornar estéril o próprio planeta. Esta seria a suprema violência e, portanto, a mais cabal demonstração de poder.

Mas, ao longo do desenvolvimento da disciplina, o poder é visto, também, pelo seu lado micro nos estudos feitos por Norberto Elias e por Pierre Bourdieu, já ressaltados antes. Elias mostrou que as relações de poder ocorrem em uma pequena comunidade e a partir de suas observações acabou teorizando sobre a estranheza entre estabelecidos e outsiders, mostrando que a superioridade sentida pelos primeiros acaba sendo incorporada pelos segundos. Nesse sentido, também, é o estudo de Bourdieu, embora seu objeto seja diferente, pois fala nas relações de dominação entre sexos, marcada pela dominação que os homens exercem sobre as mulheres e ao fato de haver toda uma simbologia que acaba por levar a mulher a assumir o ponto de vista dos dominantes, portando-se de forma por eles recomendadas e até se vendo com o mesmo olhar.

Leituras esclarecedoras, todas elas nos permitem fazer o contraponto com o pensamento de Foucault. O mínimo que se pode dizer do seu pensamento e obra é que são originais, sendo seu autor reconhecido como um dos grandes pensadores do século XX. Foucault abordou – e desmistificou – temas que, antes, não tinham sido objeto de reflexões maiores. É o caso, por exemplo, de sua visão de como nasceram alguns saberes e, também, do caso da sexualidade, usada como expressão de poder. É esta originalidade que mostra em *Vigiar e Punir*, livro no qual analisa a gênese da prisão moderna e, a partir dela, mostra como chegamos a uma sociedade panóptica onde

a vigilância é onipresente e, pelo uso de técnicas, acaba inscrita no próprio corpo, gerando ordem e provocando o exercício automático do poder.

## O PODER EM FOUCAULT

“Mi proposito no ha sido analizar el fenómeno de poder, ni tampoco elaborar los fundamentos de tal análisis, por el contrario mi objetivo ha sido elaborar una historia de los diferentes modos por los cuales los seres humanos son constituidos en sujetos”. A afirmação é do próprio Foucault, feita em *O sujeito do poder*, publicado como epílogo na segunda edição de *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*, de Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow, da editora da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 1983.

A afirmação de Foucault nos leva, de início, a imaginar que ele não trata do poder. Esta não é a realidade, mesmo em se tratando do texto citado. A partir da primeira afirmação, ele começa a discorrer sobre os meios de constituição do sujeito e deixa claro que, nesta subjetivação, o poder tem uma parte importante, chegando a citar o caso da Igreja Católica e do poder pastoral por ela instituído. Foucault, comentando este poder, afirma:

“Alguna vez esta forma de poder fue ejercida por los aparatos del Estado, o por una institución pública cualquiera, como la policía. (...) Em cierto momento, el poder fue ejercido por iniciativas privadas, sociedades de bienestar, benefactoras y filántropas” .

O que acontece com Foucault, como lembra Michel de Certeau, é que

“(...) distingue assim dois sistemas heterogêneos. Ele identifica as vantagens que uma tecnologia política do corpo conquistou sobre a elaboração de um corpo doutri-

nal. Mas ele não se contenta em separar duas formas de poder. Seguindo o estabelecimento e a multiplicação vitoriosa dessa “instrumentalidade menor”, procura pôr em evidência as molas desse poder opaco, sem proprietário, sem lugar privilegiado, sem superiores nem inferiores, sem atividade repressiva nem dogmatismo, eficaz de modo quase autônomo por sua capacidade tecnológica de distribuir, classificar, analisar e individualizar especialmente o objeto abordado (...)

O comentário feito por Michel de Certeau refere-se diretamente a *Vigiar e Punir*, a obra em que Foucault faz a genealogia da prisão e estabelece como, com a mudança da Idade Média para a Idade Moderna, também mudaram as maneiras de se exercer o poder, que deixou de ser uma coisa espalhafatosa, transformando-se em algo opaco, que se exerce na sombra e que se tornou invisível e, ao mesmo tempo, automático.

Gilles Deleuze, que foi discípulo de Foucault, ao comentar a posição adotada pelo filósofo assegura que “uma das teses essenciais de *Vigiar e Punir* dizia respeito aos dispositivos de poder”, argumentando que estes dispositivos “não se contentam em ser normalizantes, mas tendem a ser constituintes”. Deleuze confessa discordâncias com o seu mestre, mas reconhece o seu pensamento original na análise do poder e de como ele se constitui, realizando o seu trabalho, como frisa Michel Foucault, sobre o próprio corpo.

O que acontece em relação ao poder, quando se refere a Foucault, é que, como observa António C. Maia, ele não tem uma “teoria geral do poder a-histórica, podendo ser

aplicada a todas as relações de poder existentes em sociedade, em qualquer contexto” . O que Foucault pretende é:

“trabalhar uma analítica de poder capaz de dar conta do seu funcionamento local, em campos e discursos específicos e em épocas determinadas. (...) O ponto de vista adotado pela analítica de poder assume uma reflexão com âmbito mais limitado a respeito desta problemática, evitando determinadas questões – como, por exemplo, a respeito da origem do poder – e adotando uma perspectiva eminentemente descritiva, procurando identificar e explicitar os diferentes mecanismos, táticas e estratégias empregadas, bem como a forma de funcionamento, das relações de poder em sociedade” .

O que acontece, quando Foucault trata da questão, segundo Guilhon de Albuquerque, é que ele vê o poder como uma relação assimétrica “entre indivíduos, entre grupos, que se irradia da periferia para o centro, de baixo para cima, que se exerce permanentemente, dando sustentação à autoridade, e que funciona positivamente, dinamizando, incrementando as forças e recursos existentes” . O que Albuquerque observa é que, na inversão feita por Foucault, o que se tem é que “se o poder se sustenta de baixo para cima, ao contrário de se originar de cima para baixo, quanto mais alto na hierarquia de poder, menor a autonomia do indivíduo para alterar as redes de poder na sociedade”.

Fica claro, pelas colocações feitas por Delleuze, Maia, Albuquerque e de Certeau, que Foucault discutiu e refletiu sobre o poder, mesmo aceitando o seu argumento de que este não era o seu objetivo. O que temos é um pensa-

mento original, que deixa de ver o poder como agregado ao Estado, o que se poderia chamar de o grande poder, e passa a vê-lo do seu lado micro, no cotidiano e percorre como se deu a sua genealogia. O que prepondera é um olhar diferente, que inverte a perspectiva de estudo e estabelece as condições em que se constituiu o sujeito moderno, moldado pelas técnicas, sob vigilância e tendo o seu próprio corpo como objeto de exercício do poder político.

O que se cria, na transição da Idade Clássica para a Idade Moderna, segundo Foucault, é uma mecânica do poder, que “define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina”

É a construção desse novo corpo, com o refinamento das técnicas e da mecânica do poder, que se transforma em microfísica do poder, que Foucault analisa e historia em *Vigiar e Punir* e é sobre o livro que discutiremos a seguir.

## CORPOS DÓCEIS E ADESTRADOS

Vigiar e Punir é um amplo estudo sobre a disciplina na sociedade moderna, uma forma, de acordo com Foucault, de domesticar os corpos e torná-los obedientes. Ele analisou os processos disciplinares empregados nas prisões, nas escolas e nas forças militares, considerando-as exemplos de imposição de comportamento, que moldam o corpo e que ensinam não só obediência, mas enquadra o sujeito à ordem estabelecida. A partir deste trabalho, ficou claro que as formas de pensamento também são relações de poder, pois implicam coerção e imposição, o que nos leva a poder lutar contra padrões de pensamento, mas não nos permite escapar das relações de poder. É nesse sentido que o Foucault vê a existência de uma microfísica de poder, que se manifesta no cotidiano e no relacionamento entre pessoas.

O que acontecia quando o condenado, na Idade Clássica, era submetido ao suplício? Esta é, em linhas gerais, o que Michel Foucault procura responder no primeiro capítulo do livro. Nele, mostra que o crime era um ato de lesa majestade, que feria a própria autoridade do rei, daí advindo sua vingança, feita através do suplício a que o condenado era submetido. A pena, neste caso, não tinha caráter pedagógico, de inibir pelo exemplo e, em alguns casos, acabava granjeando simpatia para os próprios condenados. O corpo do condenado, neste caso, acabava por ser o objeto e o alvo do poder.

Com a transição da Idade Clássica para a Idade Moderna, as penas começam a mudar, conforme Foucault frisa:



“é a própria condenação que marcará o delinqüente com sinal negativo e unívoco: publicidade, portanto, dos debates e da sentença; quanto à execução, ela é como uma vergonha suplementar que a justiça tem vergonha de impor ao condenado; ela guarda distância, tendendo sempre a confiá-la a outros e sob a marca do sigilo. É indecoroso ser passível de punição, mas pouco glorioso punir” .

A partir da Idade Moderna, o que acontece é a ampliação do uso das disciplinas para a moldagem dos corpos, o que ocorre com o aumento do controle, ampliação do objeto e da modalidade de controles. Esta ampliação acaba levando ao que Foucault classifica de pena incorpórea, já que a condenação não visa ao corpo, mas à alma do condenado. O objetivo é, ao condená-lo, exercer um papel pedagógico, de exemplo, impedindo que, nas mesmas circunstâncias, outro venha a cometer a mesma falta.

Com a docilidade dos corpos, conseguidos com o uso de novas e aperfeiçoadas técnicas, instala-se, segundo Foucault, um novo tipo de dominação, que leva à criação de uma nova subjetividade e à constituição de um novo poder, que é formado por processos múltiplos, diferentes e esparsos, que se superpõem e entram em convergência, criando uma nova subjetividade. Com isso, nasce uma microfísica do poder, cujo foco é no detalhe, mudando de controle para a disciplina e promovendo a laicização e a racionalidade.

Criando um poder difuso, que é exercido no detalhe, na sombra e faz com que tudo funcione de maneira automática, as disciplinas são usadas para fazer a distribuição dos indivíduos, construindo uma metáfora de

fortaleza, onde os homens são separados, classificados, vigiados e punidos. Tudo é feito com ordem, contenção e vigilância, mediante o exercício de um controle individual, de forma a maximizar o tempo, conseguindo a eficiência máxima dos corpos. É assim que passam a funcionar, por exemplo, as linhas de produção do capitalismo iniciante. Nelas, havia separação, organização, supervisão, hierarquização, identificação e ordem, que se contrapõem a confusão e ordenam os corpos, fazendo com que cada corpo tenha um lugar e cada lugar um corpo. Casadas, usadas em conjunto e aperfeiçoadas, as disciplinas irão criar, depois, o que Foucault, usando a terminologia e fazendo uma analogia com Bentham, chama de panóptico, onde todos são vistos – vigiados – mas não vêm, ficando só a sensação de eterna vigilância. A realidade de Foucault se equipara à ficção de George Orwell e ao big brother.

Para Foucault, “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (...) não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo”. Chegamos, então, a uma mecânica de poder que se transforma em microfísica do poder, resultado de todo um trabalho desenvolvido e aperfeiçoado nas escolas, que transforma saber em poder.

É neste momento que Foucault afirma ser o poder algo relacional, um processo e, ao mesmo tempo, uma técnica, a base das disciplinas e suas táticas, que forne-

cem, por sua vez, a base para a microfísica do poder. Na verdade, para Foucault, poder e saber têm um objetivo comum, que é a ordem, daí sua reflexão sobre a ordem do discurso, mostrando que a escritura e o discurso são elementos constitutivos da nossa subjetividade e nos ajudam a nos constituir em sujeitos. Aliás, da mesma forma que fazem a disciplinas.

Considerando a questão do poder e do saber, Foucault, ao falar das disciplinas e do seu uso na dominação dos homens pelos homens assinala:

“O quadro, no século XVIII, é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um possesso de saber. Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo: trata-se de lhe impor uma “ordem” .

As disciplinas transformam os corpos em máquinas articuladas, compõem suas forças e geram eficiência. Para tanto, valem-se da ocupação dos espaços, combinam tempos – velho x novo, ensino x aprendizagem – buscam a brevidade das respostas de comando, transformando-as em automáticas e, por fim, caracterizam-se por serem celulares, orgânicas, genéticas e combinatórias. Institui-se, então, o micropoder, que é múltiplo, automático, anônimo, discreto, está em toda parte e sempre alerta, além de agir em silêncio. Dá-se, neste momento, o que Foucault chama de inscrição do poder no próprio corpo, que foi para ele moldado e construído.

Ainda em *Vigiar e Punir*, Foucault discute a questão do sistema disciplinar, que estabelece um método de penalidade-recompensa através de micropenalidades envolven-

do aspectos do tempo, atividade, discurso, corpo, gestos não conformes e da própria sexualidade. Ao analisar as micropenalidades, Foucault afirma:

“Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. (...) Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (...) O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios” .

O sistema de micropenalidade, que é uma das faces visíveis do micropoder, tem uma ordem mista, baseada nas normas, que são artificiais, e nas regras, naturais, e funciona de forma dual, olhando a disciplina com dois pólos – negativo e positivo – marcando os desvios e hierarquizando as qualidades, competências e aptidões, levando a uma homogeneização e fazendo com que tudo seja diverso, mas igual. De acordo com Foucault, o objetivo é normatizar a vida, o que transforma a disciplina em poder da norma.

Antes de passar ao panóptico, Foucault fecha a questão dos recursos para o bom adestramento lembran-

do-nos que uma das técnicas mais eficazes de controle é o exame, entendido como avaliação do indivíduo. O exame, como visto por Foucault, permite qualificar, classificar, diferenciar e punir. De outro lado, o exame serve, também, para definir a individualidade, criando o corpo documentário, que registra detalhes e minúcias, acumula documentos, codifica a individualidade e transforma o indivíduo em um objeto descritível, analisável. Cada indivíduo é um caso, podendo ser mensurado, descrito e comparado e, a partir do uso destas técnicas, treinado, retreinado e classificado, o que leva à sua normalização.

A escrituralidade, que é um meio de controle, proporcionou a liberação epistemológica de alguns saberes, constituindo novos campos de operação, como a psicologia e a clínica médica, por exemplo. Houve a liberação do que Foucault chama de ciências do indivíduo e, ao mesmo tempo, a criação, com o exame, de uma nova tecnologia do poder. Juntas, estas tecnologias acabaram por criar uma nova anatomia política do corpo, levando à construção de um novo indivíduo, que não é mais o da Idade Clássica, mas o da Idade Moderna.

A vigilância perfeita. Segundo Foucault ao imaginar o panóptico, J. Bentham criou um laboratório do poder e, ao mesmo tempo, um modelo generalizável. O que o panóptico faz é aperfeiçoar o exercício do poder, oferecendo um controle democrático, ao mesmo tempo em que o amplifica, oferecendo o coroamento da sociedade disciplinar, transformada em sociedade de vigilância. O refinamento das disciplinas, toda tecnologia empregada, que contribuiram para a formação do novo indivíduo, buscavam objetivos como tornar o poder menos custoso,

levá-lo ao seu máximo, ligando-o aos seus aparelhos pedagógicos e criando a docilidade e a utilidade dos corpos, daí ter assumido caráter redutivo, fixatório e regulamentar, evitando a contestação, promovendo a separação e a verticalidade e, com isso, ganhando eficiência, que é retirada não do indivíduo, mas do coletivo.

O resultado de tudo foi, na concepção de Foucault, o nascimento da sociedade da vigilância, onde as disciplinas, que são minúsculas invenções técnicas, fazem funcionar as relações de poder, valendo-se da vigilância, do registro, do julgamento e da classificação. Ao mesmo tempo oferece uma modalidade panóptica de poder, que é democrática, pois baseada no contrato.

Na nova sociedade, surgida a partir da transição da Idade Clássica para a Idade Moderna, Foucault vê uma ironia, pois se as Luzes trouxeram a liberdade, com elas vieram, também, as disciplinas, mudando corpos e, com estas mudanças, promovendo uma mudança de poder. Daí concluir que as disciplinas são o próprio panóptico, pois aumentam o poder direto que os homens exercem uns sobre os outros.

A reflexão feita por Foucault mostra que o exercício do poder é algo concreto, físico, e que, graças ao desenvolvimento e refinamento das disciplinas, elas próprias na gênese de vários saberes, o poder acaba inscrito no corpo, obtendo respostas automáticas e naturalizado, por isso mesmo não sendo percebido por aqueles que são dele objetos. Nada melhor do que o próprio Foucault para explicitar o que sua análise mostra:

“Temos de deixar de descrever sempre os efeitos

do poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz: ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se poder ter se originam nessa produção”

O que fica sobejamente demonstrado é que Michel Foucault pode até não considerar o poder como foco de suas reflexões, mas, pelo menos em *Vigiar e Punir*, ele está no centro de todo o desenvolvimento da sociedade moderna e de sua transformação, quando olhada do ponto de vista da sociedade anterior. E foi nesta sociedade, através das disciplinas e de tecnologias novas, que se impôs um novo tipo de poder, o micro, que é físico e está tão inserido nos corpos que foi naturalizado, transformando-se em invisível, mas nem por isso deixando de ser, ao mesmo tempo, eficiente e eficaz.

São estas disciplinas que formam, para Foucault, o próprio panóptico.

## FOUCAULT, HISTÓRIA E O JORNAL

Margareth Rago, ao considerar a contribuição de Michel Foucault para a história e para a historiografia, ressalta o caráter revolucionário de sua abordagem, por se recusar a usar o discurso como forma de justificar a ação social nele refletida, mas olhando, para entendê-lo, o contexto de sua formação, buscando conhecer os paradigmas de sua produção, tanto do ponto de vista do indivíduo, como de suas relações de poder e a própria produção do conhecimento.

Rago afirma, de forma categórica:

“Foucault afirmou que a História não é mais do que um discurso, discurso este que também precisa ser psicanalizado e “descrito em sua dispersão”. (...) Assim, caberia ao historiador construir a trama correspondente ao acontecimento. No caso de um acontecimento da moda, que nos situasse nesse campo; se um evento político, seria necessário nos apresentar governantes e súditos. O que seria importante destacar no passado dependeria da construção da trama, da mesma forma que as causas atribuídas na origem do evento se definiriam em função da construção dessa mesma trama”

Assim, caberia ao historiador pegar um evento, um objeto específico e concatená-lo, dando-lhe sentido. Margareth Rago sustenta que essa concatenação só pode ser feita com o uso de conceitos, também eles, históricos. O que Rago propõe é o que o próprio Foucault fez no desenvolvimento do que chamou de genealogia das prisões, mostrando que se a Idade Moderna trouxe com ela o conceito de liberdade, também trouxe todo um arcabouço



disciplinar que foi aperfeiçoado, mudando a subjetividade e constituindo novos sujeitos.

Os dois ensinamentos – de Foucault e de Rago – podem servir de orientação para estruturar uma pesquisa que pretenda mostrar como um jornal alternativo, chamado Posição, classificado como “nanico” e de oposição à ditadura, mostrava, no Espírito Santo, uma realidade diferente da oficial. Neste sentido, e usando o método de Foucault, o primeiro passo seria fazer uma análise do discurso do próprio Posição, vendo como ele se relacionava com o contexto do Estado, com o próprio meio social e, a partir deles dois, com o poder, que contestava, e quais as relações de poder que gerava ou refletia, partindo-se da ação dos próprios jornalistas que, ao exercerem o seu ofício, estão, também, consagrando relações de poder. Ao mesmo tempo, é preciso fazer a diferenciação, marcando-a, do discurso de um jornal alternativo e de oposição em relação ao que se pode chamar de grande mídia, por oposição a estes jornais oposicionistas, que eram pequenos – uma diferenciação de formato.

O importante da análise, neste caso, não é só o trabalho do jornalista, mas o contexto em que foi realizado e o discurso dele resultante, tentando entender, como frisa Margareth Rago, as relações de força e como se constituem os jogos de poder, que sob a ótica de Foucault é invisível, molecular, positivo e atuando em todo o conjunto social e que constitui redes de relações das quais ninguém escapa.

Na rede de relações constituídas pelo jornal e na formação do discurso que veiculou, os jornalistas são atores

importantes e, por isso, também eles devem ser objeto de análise. Mais uma vez, usando-se o método de Foucault, é preciso ver como eles se constituíram como sujeitos e se essa constituição era diferente de outros indivíduos, mesmo de outros jornalistas. De posse dos dados coletados nesta e nas análises anteriores seria possível determinar, de forma efetiva, se Posição mostrou uma realidade diferente da oficial e se este trabalho foi efetivo, o que significa mostrar diferentes relações de poder e constituição de sujeitos.

Considerando as vertentes que o método de Foucault nos oferece seria, sem dúvida, interessante fazer a análise de Posição utilizando os conceitos desenvolvidos pelo filósofo francês, o que, certamente, levaria a uma reflexão sobre o momento em que Posição circulou, marcando-o como uma singularidade, mas não deixando de reconhecer um contexto maior, o da ditadura militar e do reflexo que ela tinha no Espírito Santo e que tipos de relações de poder foram gerados e desenvolvidos, no jornal, entre jornalistas e na própria sociedade.

Postas as diretrizes, é realizar o estudo. No caso específico do nosso projeto de pesquisa, a vertente teórica e metodológica, no entanto, é outra e não guarda relação direta com o pensamento de Michel Foucault, já que baseadas em Antonio Gramsci. É preciso reconhecer, no entanto, que Foucault oferece excelentes ferramentas para o desenvolvimento do trabalho, dando suporte e oferecendo teorizações e métodos que, se usados, sem dúvida contribuiriam para refletir o trabalho de um jornal alternativo e de oposição e de como ele mostrava uma realidade, ou melhor, como em um pedaço de espelho,

mostrava uma realidade diferente da oficial, que era refletida no restante do espelho.

## Referências

1. 1 Bourdieu, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002
2. 2 Elias, Norberto. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000
3. 3 Albuquerque, José A. Guilhon. Michel Foucault e a teoria do poder, in *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 7(1-2), Outubro 1995, p. 105-110
4. 4 Siqueira, Teresa Cristina Barbo. Uma genealogia da ordem do discurso em Michel Foucault in *Revista Educativa*, v. 3, jan-dez 2000, Goiânia, UCG, 1997, p. 159-164
5. 5 Dallari. Dalmo de Abreu. Elementos da teoria geral do Estado. São Paulo, Saraiva, 2001, p. 93-94
6. 5 Bobbio. Norberto. Estado, governo e sociedade. Para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 77-78
7. Bobbio. Norberto. Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro, Campus, 2000. p. 212-122
8. Weber, Max. *Economía y sociedad. Esbozo de sociología comprensiva*. México, Fondo de Cultura, 1992
9. Balandier, George. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
10. Arendt, Hanna. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000, p.31

11. Foucault, Michel. El sujeto y el poder in Dreyfus, Hubert L. e Rabinow, Paul. Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics, Chicago, Chicago University Press, 1983, tradução de Santiago Carassale e Angelica Vitale
12. de Certeau, Michel. A invenção do cotidiano. 1 – Artes de fazer. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.
13. Deleuze, Gilles. Desejo e Prazer in Magazine Littéraire, Paris, n° 325, Cut 94, p. 57-65
14. Maia, António C. Sobre a analítica do poder em Foucault in Tempo Social, Revista Sociol. USP, 7 (1-2), Out. 1995, p. 84
15. Maia, António C. Op. Cit. p. 84-85
16. Albuquerque, José A. G. Op. Cit, p. 109
17. Foucault, Michel. Vigiar e Punir – História da violência nas prisões. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003, p. 119
18. Foucault, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003, p. 13
19. Foucault, Michel. Op. Cit. p. 118
20. Foucault, Michel. Op. Cit. p. 127
21. Foucault, Michel. Op. Cit. p. 149
22. Foucault, Michel. Op. Cit. p. 161
23. Rago, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira in Tempo Social, Rev Sociol. USP, São Paulo, 7 (1-2), Out 1995, p. 72-73

## Bibliografia

Albuquerque, José Augusto Guilhon. Michel Foucault e a teoria do poder in *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 7 (1-2): 105-110, Outubro de 1995.

Arendt, Hanna. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2002.

Balandier, George. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

Bobbio, Norberto. *Estado, governo e sociedade. Para uma Teoria Geral da Política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Bobbio, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro, Campus, 2000.

Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

Dallari, Dalmo de Abreu. *Elementos da Teoria Geral do Estado*. São Paulo, Saraiva, 2001.

De Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

Delleuze, Gilles. *Desejo e prazer* in *Magazine Literaire, Parias* n° 325, Out. 1994, p. 57-65, (<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art07.html>, acessado em 01/07/2004).

Elias, Norberto e Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

Foucault, Michel. *El sujeto y el poder* em Dreyfus, Hu-

bert L. e Rabinow, Paul. Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics, Chicago, Chicago University Press, 1983 (Traduzido para o espanhol por Santiago Carassale e Angelica Vitale).

Foucault, Michel. Vigiar e punir. História da violência nas prisões. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

Hardt, Michael e Negri, Antonio. Império. Rio de Janeiro, Record, 2001.

Maia, António C. Sobre a analítica de poder de Foucault in Tempo Social, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 7 (1-2): 83-103, Outubro de 1995.

Rago, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira in Tempo Social, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 7 (1-2): 67-82, Outubro de 1995

Sampaio, Laura Fraga de Almeida. A temática saber-poder em M. Foucault in Cadernos de Filosofia, Ano I, nº 1, Centro de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae ([http://www.sedes.org.br/Centros/a temática saber.htm](http://www.sedes.org.br/Centros/a%20tem%C3%A1tica%20saber.htm)) – acessado em 01-07-2004)

Siqueira, Teresa Cristina Barbo. Uma genealogia da ordem do discurso em Michel Foucault in Revista Educativa, v. 3, jan e dez 2000, Goiânia, GO, Depto. de Educação da UCG, 1997, p. 159-164.

Weber, Max. Economia y sociedad. Esbozo de sociología comprensiva. México, Fondo de Cultura, 1992



ensaíos

Ideias e reflexões sobre temas da atualidade

Nº

2